

DESAFIO DE LIDERAR O MERCADO INTERNACIONAL DE ÁLCOOL COMBUSTÍVEL

Rosana Rodrigues Pêgas ¹, Edson Aparecida de Araújo Querido Oliveira ²

1- Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade do Vale do Paraíba, Av, Shishima Hifumi 2911 – Urbanova, 12244-000 – São José dos Campos, SP.

E-mail¹: rosanapegas@hotmail.com

2- Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento – IP&D, Universidade do Vale do Paraíba, Av, Shishima Hifumi 2911 – Urbanova, 12244-000 – São José dos Campos, SP.

E-mail²: edsonaaqo@universiabrasil.net

Palavras-chave: Mercado Internacional, Sucroalcooleiro.

Área do Conhecimento: VI – Ciências Sociais Aplicadas.

RESUMO - Este trabalho tem por objetivo relatar o desafio e a relação de independência em relação às fontes fósseis de energia e apresentar o álcool combustível como um potencial para suprir as necessidades do planeta. O maior objetivo em utilizar o álcool como combustível está no fato de ser um produto renovável, ao contrário dos derivados do petróleo. O Brasil se tornou nos últimos três anos o maior exportador e produtor mundial de cana-de-açúcar, sua matéria-prima. Com toda produção e com todo o potencial existente no país, o setor se torna altamente rentável, pois a produção brasileira é a de menor custo mundial.

BREVE HISTÓRICO

Como fonte de energia, o açúcar conquistou ao longo dos tempos o paladar de todo o mundo, o sabor doce serve de atrativo para o consumo de carboidrato, sendo o açúcar o mais comum dessas substâncias que são essenciais à vida. A importância do açúcar surgiu, pois nenhum produto de origem agrícola destinado à alimentação foi motivo de tantas glórias e tragédias, disputas e conquistas, mobilizando ao longo dos anos centenas de homens e suas nações, encontrando seu lugar ideal em um país do Novo Mundo, o Brasil.

Oficialmente, foi Martim Affonso de Souza que em 1532 trouxe a primeira muda de cana ao país e iniciou seu cultivo na Capitania de São Vicente, e depois de fundado o primeiro engenho de açúcar, a partir do plantio e colheita de cana-de-açúcar, em São Vicente, no litoral paulista, o Brasil não parou mais a produção. A Europa enriquecida pelo ouro e prata vindos do Brasil demandava cada vez mais nosso açúcar. As regiões produtoras, localizados em sua maioria no Nordeste, se beneficiaram rapidamente.

Holandeses decididos a não perderem os lucros, invadiram o Brasil, permanecendo em Pernambuco até 1654, quando foram expulsos. Esses fatos justificaram o início da produção açucareira pelos holandeses no Caribe, e mais

tarde os ingleses e franceses acabaram com o monopólio do açúcar brasileiro.

E foi no século XVII que a produção nas Antilhas cresceu, perdendo, o Brasil, sua posição de importância no comércio mundial. Mas novamente um fato histórico viria para alterar o quadro mundial de produção de açúcar, a Primeira Grande Guerra, em 1914, provocou uma devastação da indústria açucareira europeia, provocando um aumento significativo nos preços no mercado, incentivando a construção de usinas no Brasil.

A primeira usina fundada no Brasil ainda resiste ao tempo. Fundada em 1878, a usina Porto Feliz ainda está em atividade, marcando na época, o início do processo de modernização da indústria do açúcar. Anteriormente, a produção de açúcar estava restrita somente aos engenhos das fazendas onde era produzida a cana-de-açúcar.

Em 1875, o parlamento brasileiro designou uma comissão para levantar a situação da agricultura, propondo a criação de fábricas centrais para profissionalizar a produção, sendo na época, equipamentos importados da Europa. Foi construída uma ferrovia para escoar o produto, mas na época, já se utilizava a hidrovia para tal intuito. E um decreto em 1877 permitiu a navegação no Rio Tietê para que a cana-de-açúcar, produzidas nas propriedades ribeirinhas, fosse levada de vapor até a fábrica.

A segunda Guerra possibilitou o aquecimento da indústria paulista, e os usineiros de São Paulo reivindicaram um aumento da produção, e já nos anos 50, a produção paulista ultrapassou os Estados do Nordeste. E foi em 1933 com a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) que o mercado sucroalcooleiro foi regulado e controlado por quase 60 anos. A intervenção do governo teve origem na superprodução e na queda dos preços decorrentes da Primeira Guerra Mundial e da Crise de 1929.

O modelo foi extinto pelo então Presidente Fernando Collor de Mello em 1990, quando o IAA já não havia razão de existir.

A PRODUÇÃO DE CANA-DE AÇÚCAR

A cana-de-açúcar é uma cultura perene, seu ciclo é de aproximadamente de 5 a 7 anos. Dela extrai-se a sacarose, que é o produto básico para a produção de açúcar e álcool. A produção mundial de cana-de-açúcar está concentrada nos países em desenvolvimento, especialmente a América Latina e Oriente Médio, mas também é plantada em larga escala nos Estados Unidos da América, Austrália e Japão.

A cana é cultivada em todo território nacional, mas é no Estado de São Paulo que a produção segue sua liderança.

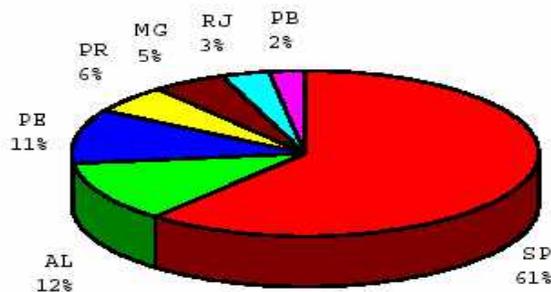
A maioria da cana-de-açúcar é obtida a partir da cristalização, tendo como resultado um açúcar marrom, impuro, conhecido como açúcar bruto, o *raw sugar*. Esse açúcar pode ser consumido diretamente, mas a maior parte é processada, resultando um açúcar branco, podendo ser refinado ou não.

Deve-se ressaltar que os custos com a produção brasileira estão entre os mais baixos do mundo, fato devido à evolução tecnológica ocorrida nas lavouras.

Os maiores produtores mundiais de açúcar são a União Européia, o Brasil, a Índia, os EUA e a China. A produção mundial nos últimos tempos, em razão de uma safra inferior ao consumo, ocasionou uma queda nos estoques globais e na sustentação das altas dos preços.

O intervencionismo governamental na indústria açucareira tem sido elevado, muitos países têm investido em sua auto-suficiência, seja para diminuir as importações, promover atividades agrícolas capazes de proporcionar grande absorção de mão-de-obra nas regiões subdesenvolvidas, ou proporcionar atividades alternativas econômicas à agricultura altamente diversificada.

Produção Nacional de Cana (média 10 anos)



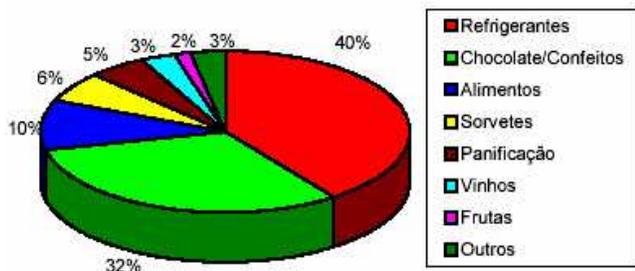
Fonte: SDR/Sindaçúcar/Sonal/Sindálcool/Assucal.

MERCADO INTERNO DE ÁLCOOL COMBUSTÍVEL

O instituto regulador, o IAA, que regulava e centralizava todas as operações de exportação do açúcar brasileiro, foi extinto em 1989 e, desde então, existe uma tendência de desregulação do setor. Hoje, a única exigência é a da garantia de abastecimento do mercado interno, e seu excedente podendo ser exportado. Nos últimos anos o setor tem apresentado uma sensível mudança estrutural caracterizada principalmente pelo arrendamento das terras dos fornecedores de cana pelas usinas, modificando o perfil histórico do abastecimento.

O consumo nacional de açúcar está em torno de oito milhões de toneladas, resultando um consumo *per capita* de aproximadamente 48 kg/hab/ano. O consumo doméstico é um produto inelástico, ou seja, seu crescimento somente será incrementado se houver um aumento significativo populacional. Entretanto, com um aumento de renda ou aumento do mercado doméstico, espera-se um aumento no consumo de açúcar, utilizado principalmente nas indústrias de refrigerantes, chocolates e alimentos em geral.

Consumo Industrial de Açúcar - Brasil



Fonte: AIAA/Copacesp/Copersucar/Sopral - 1992.

MERCADO EXTERNO DE ÁLCOOL COMBUSTÍVEL

O mercado internacional movimenta na atualidade um montante em torno de 30 (trinta) milhões de toneladas por ano, representando cerca de 27% da produção mundial. Para o Brasil, o mercado externo tem grande importância, uma vez que 33% de sua produção é exportada. Os principais exportadores, além do Brasil, são a União Européia e a Austrália.

O Brasil é dos principais fornecedores do mercado internacional de açúcar. Entre as safras 94/95, as exportações brasileiras cresceram cerca de 80%.

A atual infra-estrutura portuária impede que as exportações brasileiras cresçam, onerando ainda mais o preço do produto. Espera-se uma modernização dos portos, fazendo com que o país se torne cada vez mais competitivo.

A NOVA ARRANCADA DO SETOR

Energia é a palavra chave na definição da nova ordem econômica mundial no século XXI. Sucederá a nação que conseguir a independência em relação às fontes fósseis e se apresentar como potencial supridor das necessidades energéticas do planeta, e o maior incentivo ao uso do álcool como combustível, reside no fato de ser um produto renovável, ao contrário dos derivados do petróleo.

O Brasil é o único país que utiliza em larga escala um combustível de biomassa, o álcool como substituto do petróleo. O País também possui um centro de pesquisa e desenvolvimento, o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia (Proinfa) iniciativa que pretende preparar o Brasil

para a exploração do mercado daquela que é considerada a energia do futuro.

Paralelamente, o Brasil terá que esforçar-se para manter controladas suas contas públicas e reverter a ofensiva inflacionária, já que problemas externos como desaquecimento da economia americana e estagnação européia, combinados com as incertezas dos investidores podem afetar a economia.

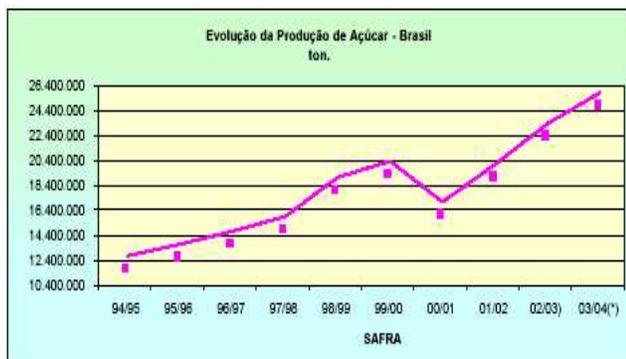
O comércio internacional sucroalcooleira apresenta uma tendência a políticas protecionistas, que aumentam a concessão de subsídios, imposição de tarifas e cotas de importação. Essa tendência é agravada como crise financeira, com grande representatividade na abertura das economias mundiais, e até mesmo o açúcar brasileiro apresenta restrições tarifárias junto ao Mercosul.



Fonte: DAA/SPC/MAPA.

A demanda internacional vem crescendo, principalmente dos países asiáticos, como a China. O mercado interno também foi bastante alavancado com o consumo de alimentos provocado pelo Plano Real, e o desempenho do setor depende da política utilizada frente as barreiras protecionistas existentes, dado que o açúcar brasileiro é um dos mais competitivos do mundo.

No caso do açúcar, as relações, que se tornaram privadas, sem mais a intervenção do governo na fixação dos preços, estreitaram o crescimento, pois os recursos arrecadados não são mais utilizados no próprio setor. Já o álcool, sua adição ao diesel representou um grande aumento na demanda de álcool anidro, uma alternativa de sucesso.



Fonte: DAA/SPC/MAPA.



Fonte: DAA/SPC/MAPA.

O CRESCIMENTO DA IMPORTÂNCIA DO USO DO ÁLCOOL COMBUSTÍVEL

O álcool ganhou destaque na década de 70, quando as crises mundiais do petróleo forçaram os países a procurar alternativas à gasolina. O uso do combustível ganhou forças com a criação do Proálcool, em 1975, que houve um aumento perceptível na produção: de 30 milhões para 11 bilhões de litros por ano.

O governo utilizou para implantação do Proálcool recursos arrecadados com a valorização do preço do açúcar no mercado internacional e o Brasil assumiu a liderança no ranking de países exportadores. Desde 1990 esse controle é exercido diretamente pelo mercado, em especial pelo mercado internacional.

O álcool caiu em desuso depois do fim dos subsídios do Proálcool, no fim dos anos 80, mas o setor automobilístico volta a se recuperar, pois o álcool é o produto mais viável para ser adicionado à gasolina, reduzindo a poluição em grandes centros urbanos, devido a grande preocupação com a sustentabilidade do meio ambiente, sendo o Brasil o único país do mundo que conseguiu produzir uma alternativa ao consumo do combustível fóssil.

As vendas de carro a álcool, categoria que desde março de 2003 passou a integrar os bicombustíveis, cresceram 588%. Segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), o volume de vendas dos bicombustíveis no primeiro trimestre do ano de 2004 está perto de ultrapassar as vendas da categoria em 2003.

SETOR SUCROALCOOLEIRO

Um dos problemas observados junto a problemática do setor, é a concentração do segmento industrial, algumas usinas com dificuldades financeiras, vem sendo incorporadas por outras, ocasionando fusões e o fechamento de unidades industriais, ou seja, aumentando o poder de barganha dos usineiros aos fornecedores de cana, que aceitam entregar a cana de acordo com definições seguidas pelo segmento industrial.

Essa transição da economia canieira torna o setor fragilizado, pois as taxas de juros são elevadas, e o setor não recebe mais subsídios diretos, sendo ainda mais agravada pela indefinição da política industrial.

Para se estabelecerem possibilidades de sobrevivência das unidades do setor é necessário voltar-se à sua classificação. Grosso modo, são classificadas em quatro grupos. O primeiro e o segundo grupo, são representados por empresas que já faliram e estão transferindo capitais para outros setores. Esse grupo não pode ser objeto de políticas públicas específicas, pois as empresas não apresentam rendimentos e resultados semelhantes aos outros grupos, o que cabe, são políticas de desenvolvimento regional que criem alternativas concretas de emprego e renda para os trabalhadores desempregados e para os fornecedores de cana.

O terceiro grupo é representado por empresas com uma situação crítica que podem se salvar, dependendo da política utilizada. O fundamental seria a implantação de novos recursos e taxas diferenciadas de juros, visando a implementação de mudanças tecnológicas e organizacionais que permitam a concorrência com as demais empresas.

O quarto e último grupo, apesar da crise provocada pelo Plano Real e indefinições da política, são empresas que continuam crescendo e investindo em novas tecnologias, reduzindo os

custos e aumentando a produtividade. O grupo detém elevado poder político, mesmo com instabilidade no processo de afastamento do Estado da atividade, com sucessivos adiamentos da entrada em vigor de medidas que restaurem a livre-concorrência.

A manutenção das políticas financeiras agrava as condições do setor, para quem são fundamentais medidas que apontem para o desenvolvimento e crescimento econômico, tais como, redução das taxas de juros, política de financiamento à produção, uma política de crédito e financiamento para o custeio e investimento agrícola e, finalmente, políticas que façam frente às barreiras protecionistas impostas pelo mercado americano e europeu.

MERCADO DE TRABALHO

O Brasil tem aproximadamente 1,2 milhões de trabalhadores diretos no setor, sendo que 350 mil deles estão alocados somente no Estado de São Paulo. Não existem dados precisos sobre a média salarial ou sobre a redução dos postos de trabalho causados pela mecanização. No entanto, algumas usinas, investem em seus funcionários para que não fiquem restritos ao duro trabalho do podão nas mãos, pois, em geral, a mão-de-obra empregada é de baixa qualificação.

Pela instabilidade de oferta de mão-de-obra de trabalhadores, em alguns Estados brasileiros, especialmente o centro-sul, a mecanização vem sendo adotada. O impacto deverá ser maior no corte da cana, já que a mecanização possibilita o corte da cana crua, evitando queimadas, consideradas indesejáveis do ponto de vista ambiental, e, estima-se que até 2020, em São Paulo, as queimadas devem terminar e a áreas mecanizáveis serão ocupadas por máquinas.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Desde a liberação dos preços do álcool, cana-de-açúcar e açúcar, o complexo agroindustrial tem passado por séries de dificuldades. Para a superação da crise, fatores institucionais como a adição do álcool ao diesel, retomada dos incentivos à demanda por carro a álcool, o repasse dos impostos sobre a gasolina às usinas devem fazer parte de uma estratégia empresarial, sempre buscando a redução de custos e uma maior

produtividade via automação, mecanização e terceirização. As empresas do açúcar e álcool que se agruparam em sindicatos e associações desempenham um papel importante na negociação dos preços após a desregulamentação estatal.

A estratégia é a continuação da dinâmica da coordenação da cadeia agroalimentar, mesmo sendo ela não regulamentada.

Outro fator importante é o transporte, que representa cerca de 15% a 20% de seu custo, representado pelo transporte da matéria-prima, que corresponde a 11% do custo total do álcool e do açúcar.

Com os novos modelos de produção sucroalcooleira, existem em resumo três fatores de extrema importância, a tecnologia, o sistema organizacional e as relações internas e externas das unidades para o complexo sucroalcooleira. A tecnologia representa mudanças nas áreas agrícolas e industriais. A mudança mais nítida na agricultura seria o corte mecânico da cana crua.

Com essa inovação tecnológica, algumas conseqüências podem ser destacadas: no aspecto fundiário, as terras sofrem um manejo adequado à produção da cana, visando corrigir acidentes demográficos, exigindo também uma nova região produtora no oeste paulista.

A vantagem dessa região é definida por uma possibilidade de completa mecanização da produção de cana, uma tendência mais acentuada na queda dos preços das terras e pela desvalorização da produção extensiva de gado de corte, e ainda, pela possibilidade de irrigação.

A concretização dessas possibilidades, incluindo a nova territorialização do capital, exige um grande suporte, tanto na fixação de metas mais concretas para a política energética, e a criação ou retomada do Proálcool.

A operação com custos mais baixos e mercados competitivos levam às unidades a uma nova preocupação, a de aumentar a gama de produtos com elevado valor agregado.

As usinas estão recebendo grande incentivo quanto à criação de novos produtos como o açúcar líquido, glútex, açúcar orgânico, energia elétrica, entre outros. Mercados seletivos também podem pagar preços mais elevados, tirando o produto da condição de *commodities*, com preços negociados na bolsa de valores, e passando à condição de novos produtos com mercados e preços diferenciados.

CONCLUSÃO

Ainda hoje, a produção de cana-de-açúcar parece não atender a demanda das usinas

produtoras, mas a eficiência brasileira da cadeia sucroalcooleira, está mostrando seu forte desempenho, sendo um dos maiores produtores mundiais de cana, açúcar e álcool. Os custos da produção nacional são os menores do mundo, assim como os investimentos que estão sendo realizados na tecnologia de produção e na logística de distribuição de álcool.

Embora o setor sofra com as oscilações comuns do mercado de *commodities*, o mercado externo vem apresentando boas perspectivas, principalmente em relação ao aumento da demanda.

Analisando conjuntamente o setor sucroalcooleiro, tornou-se evidente a necessidade de uma diversificação da produção, que está diretamente ligada aos custos de produção das unidades industriais, sendo constatada uma possibilidade de sustentabilidade à produção com a diversificação da produção utilizando o álcool.

Esta dedução se liga ao fato do álcool ser alternativa de um potencial energético no mercado externo dos combustíveis fósseis.

Ainda com a adesão de países ao Protocolo de Kyoto, que prevê sérias penalidades à práticas poluentes, criando um novo compromisso com o desenvolvimento limpo, surge o álcool combustível como forte mecanismo de substituição das fontes não renováveis.

O Brasil, como responsável por 37% do total de álcool produzido no mundo, poderá empenhar-se ainda mais no mercado, pois, os EUA adicionarão 15% de etanol à gasolina, passando a demandar 7,6 bilhões de litros, a China, introduzirá 10% de álcool, chegando a consumir mais de dois bilhões de litros por ano. Da mesma forma a Índia adicionará cerca de 5% de álcool, demandando 400 milhões de litros de álcool, a Colômbia, 750 milhões de litros, a Austrália, 350 milhões de litros de álcool e o México, três bilhões de litros por ano.

A produção brasileira é de aproximadamente 13 bilhões de litros de álcool, tendo capacidade de aumentar seus números. Para liderar o mercado mundial do produto, o Brasil necessita, porém, de políticas públicas de gestão para o álcool combustível, além de estratégias de mercados elaboradas pelo setor privado para um melhor aproveitamento do produto pelo mercado consumidor. Somente ações integradas entre Estado e produtores poderão modificar a perspectiva e a história do país em relação ao álcool combustível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

[2] FURTADO, Celso. Raízes do Subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

[3] SALVADOR, Fabíola. Melhora a relação do setor com o governo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 de outubro de 2003. Especial, p. H2.

[4] MAGOSSÍ, Eduardo. País baterá Record de exportação de açúcar. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 de outubro de 2003. Especial, p. H3.

[5] HENRIQUE, Brás. Desafio agora é vender para Europa, EUA e Japão. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 de outubro de 2003. Especial, p. H4 e H5.

[6] TAMAZELA, José Maria. Primeira Usina de São Paulo ainda está em atividade. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 de outubro de 2003. Especial, p. H5.

[7] CHADE, Jamil. Produção brasileira cresce 25% em três anos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 de outubro de 2003. Especial, p. H6.

[8] HENRIQUE, Brás. Setor emprega 1,2 milhão em todo país. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 de outubro de 2003. Especial, p. H7.

[9] BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

[10] LIMA, Jaldir Lima. Setor Sucroalcooleiro: Açúcar, 1995. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br>>.

[11] FASCÍCULO ÚNICA. Retrato da Produção em São Paulo, ano 7, n. 57, jan./fev. 2004. Disponível em: <<http://www.unica.com.br>>.

[12] A EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO. Disponível em: <<http://www.cosan.com.br>>.